

# *Inivicta* *Cine*

ANO X

N.º 178



JOAN CRAWFORD

SEMANARIO ILUSTRADO  
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50  
c<sup>05</sup>

# AGUIA D'OURO

---

Apresenta na próxima 2.<sup>a</sup> feira — Marlène  
Diétrich, Clive Brook, Warner  
Oland e Anna May Wong, na  
super produção "Paramount"

## O Expresso de Shangai

---

Sensacional fonofilme cheio de mistério,  
imprevisto e emoção, dirigido  
pelo famoso realizador Josef  
von Sternberg

Uma das grandes produções da



**ÉPOCA 1932-1933**

O novo filme de Harold Lloyd, «Cine-maniaco», é uma esplendida farsa decalcada sobre a cidade do filme.

Hollywood está hoje servindo de assunto a uma meia dúzia de filmes de actualidade e a comédia de Harold não podia fugir á moda. Narra a história de um rapaz humilde que abala para a Cinelandia, com o fito de se fazer actor do cinema. Consegue o seu intento, é verdade, mas não sem grandes peripécias.

Este fonofilmé será apresentado ainda esta temporada em Portugal.

«O Sinal da Cruz», filme místico-histórico de Cecil B. de Mille, será estreado em Nova York por todo o correr de Outubro ou princípios de Novembro. Trabalho amplamente anunciado, a nova produção de Mille-Paramount tem a todos os entusiastas do cinema de olhos nos jornais, á espera da notícia da estreia.

O director Marion Gering, que dirigiu «The Devil and the Deep», nomeou os seguintes requisitos para o artista cinematográfico: 1) Naturalidade na representação; 2) aparência física atarente; 3) facilidade na compreensão e prática das necessidades técnicas; 4) eterna ânsia de perfeição. Para Gering, Tallulah Bankhead, que com Gary Cooper, aparece naquele filme, tem tódas essas qualidades.

Sylvia Sidney, talvez a mais dramática e sentimental das artistas da Paramount, surgirá muito em breve num filme profundamente humano e profundamente silvianiano: «Todo o meu amor» (All My Love), que ha de ser uma produção de encher as medidas dos seus inúmeros apreciadores.

O proximo filme em que veremos Nancy Carroll chama-se «Night after Night», em que também veremos Alison Skipworth e George Raft.

Maurice Chevalier canta em «Ama-me esta Noite» uma interessante canção do Apache, magnificamente adequada á personalidade do conhecido actor francês. Outra canção delicada, da mesma fita, é «Mimi».

«A Farewell to Arms», a grande obra literaria de Ernest Hemingway, foi ha mais de um ano adquirida pela Paramount, e desde esse tempo andou o estudio a trabalhar na escolha dos seus tipos. Afinal, terminado o trabalho preliminar, está o filme em produção e nele veremos Gary Cooper e Helen Hays, dois artistas consumados. Miss Hayes foi obtida, por emprestimo, da Metro, especialmente para a heroína de «A Farewell to Arms».

Continuam as trocas dos artistas de uma companhia com a outra: Clark Gable foi cedido á Paramount pela Metro, que em troca exigiu lhe fôsse emprestado Fredric March. Helen Hays é outra artista da Metro cedida á Paramount.

«A Venus Loura» é em quadros o maior filme até hoje produzido. Calcule-se que os acontecimentos que ha no filme fossem actuados no palco, a sua representação levaria, pelo menos, 24 horas de pano a pano. Marlène Dietrich é a protagonista e Herbert Narshall o seu galan.

Clive Brook é grande fumador, mas prefere o cachimbo e como bom inglês tem uma vasta coleção d'esses preciosos objectos. Todos os cachimbos de Mr. Brook são também ingleses e foram-lhe oferecidos por amigos diversos.

A Paramount contratou Susan Fleming, bonita actriz de Nova York, para uma das figurantes de «Million Dollar Legs», o filme burlesco dos jogos olympicos.

# DUAS PALAVRAS

Principiou já a nova época de cinema, com todo o seu entusiasmo febril—o entusiasmo de início, propulsor dinámico—impulsionando todas as actividades que lhe estão estrictamente ligadas. . .

As fachadas das casas de cinema resplandecem com a policromia das suas iluminações; os cartazes gritam, anunciando e chamando os admiradores á audiéncia que os artistas vão dar na t'ela; lá fóra, nos centros produtores, vive-se de mangas arregaçadas—o movimento anima os studios, os laboratórios; os expedidores preenchem guias, consignam bobines, despacham, embarcam—sei lá quanta vida! . . .

Entre nós vivem assodados os distribuidores e exhibidores, uns não chegando para as encomendas, outros não chegando para as ofertas. . . falando, gesticulando, escrevendo. . .

E um pouco afastado desta turba, aguçam os olhos febris, as redações dos jornais e das revistas da especialidade. . .

A época promete! Há filmes com fartura—uma verdadeira panada de celebridades tanto sob o ponto de vista de realização como de interpretação—todos a chamar a si a prioridade. Não há astros de dúbio fulgôr, pois anunciam-nos intermináveis regimentos de *estrelas*, todas de intensa radiação. Será assim?

Oxalá. . . e que á fartura de promessas não se sobreponha a mingua de receitas. . .

No meio de tanto «afan», só algures, reinava o marasmo, que já inquietava sobremaneira muitos espiritos—era na redação da «Invicta-Cine». De facto, aqui, vivia-se ainda em férias, enquanto os outros já lutavam. . . Não foi preguiça! foi um forçado prolongamento de férias. . . Até que, começaram de chegar as cartas e os postais, primeiro a perguntar delicadamente quando reaparecia a nossa revista; depois impacientemente, reclamando-a; logo a seguir, bruscamente, protestando contra o nosso silêncio e por fim—é doloroso dizê-lo mas é verdade— a mandarem-nos os pezames por tão infaustosa morte.

. . . E sentado em frente duma escrevaninha já velha e cheia de pó, alguém—quem seria?—esperava essas cartas e êsses postais enchendo-se de tristeza—como a tristeza que infundia a sala da redação—vasia, na sua desordenada disposição de bancos e carteiras. . .

Consentir que nos julguem cadáveres? Não, isso não! E tudo porquê? Porque a rapaziada, tardou em aparecer. . . Feita, a chamada a toda a pressa, ei-la toda em formatura, sentada ás escrevaninhas, empunhando as penas. . . a lutar pela sua nobre causa—o cinema.

Em nome de todos peço desculpa aos nossos leitores e amigos do atrazo e apresento cumprimentos, com a promessa de que vamos dispendêr á nossa causa todo o nosso entusiasmo neste novo periodo de trabalho e pedindo, como recompensa, o vosso carinho e excitamento.

Tenho dito!

Tomaz d'Alencar.

## NA CAPA

Joan Crawford, uma das mais fulgurantes «estrelas» do elenco da M. G. M., vai aparecer-nos esta temporada nos seguintes filmes: «Fascinação», «No Delicive» e «Idade Moderna».

Joan Crawford, segundo consta, desempenhará o papel da protagonista da versão falada de «A Viuva Alegre» que Irving Thalberg vai realizar.

# OS FILMES QUE VAMOS VER ESTA TEMPORADA TEEM A PALAVRA OS EXIBIDORES DO PORTO

A abertura das épocas cinegráficas suscita sempre um movimento excepcional de curiosidade da parte de todos os cinéfilos. Quere-se saber que filmes são vistos durante o ano, quais as vedetas mais em exhibição, enfim, com o que se pode contar de aceitável.

Foi para satisfazer esse desejo natural dos nossos leitores, que a nossa redacção reuniu um destes dias, afim de enviar um dos seus seus componentes a cada casa de espectáculos a inquirir do que pensam projectar.

O resultado aí está.

## Agua d'Ouro

No intuito de oferecer maiores comodidades aos inúmeros frequentadores do seu cinema, a empresa do Agua d'Ouro, não se poupando a esforços de espécie alguma, acaba de transformar completamente a sua plateia, tendo feito ainda outras obras de embelezamento que tornam aquela casa de espectáculos uma das mais confortáveis e elegantes do país.

Fomos lá no passado sábado. Dia da inauguração da época cinematográfica 1932/33. Casa á cunha. O sr. Dias Pereira, gerente do Agua, diz-nos:

—Podem declarar aos seus simpáticos leitores que o Agua d'Ouro apresentará as melhores produções editadas pelas maiores casas produtoras americanas e europeias, representadas em Portugal pelas firmas *Paramount Films, S. A., Castelo Lopes, L.da, Companhia Cinematográfica de Portugal* e provavelmente *Metro Goldwyn Mayer Films*.

Da *Paramount*, reconhecida como uma das mais poderosas e artísticas firmas produtoras de todo o mundo, exibimos toda a sua programação. Eis alguns dos seus grandes filmes: «Uma hora contigo» e «Ama-me esta noite», dois encantadores fonofilmes, com os consagrados artistas Maurice Chevalier e Jeanette Mac Donald.

Este último filme, saído há pouco dos estúdios, é uma linda produção dirigida por Ruben Mamoulian que se exhibe actualmente na tela do «Rivoli» de New York, onde tem obtido um sucesso igual ao de «A Parada do Amor»; «Um rapaz encantador» e «Une femme dans le train», com o querido Henry Garat e a encantadora Meg Lemonnier. «O Expresso de Shanghai» e «A Venus Loura», duas grandes produções de Sternberg, com a fascinante Marlène Diétrich.

O primeiro filme, que se exhibirá a seguir ao actual programa, é, incontestavelmente, a corôa de gloria da arrebatadora Marlène. Da segundo, embora ainda não tenha lido o que a imprensa americana disse a seu respeito, sei que se encontra em exhibição, simultaneamente, ha duas semanas, nos cinemas *Paramount* de New York e *Brooklyn*; «O homem que eu matei», a mais humana e comovedora produção da *Marca das Estrelas* que será apresentada esta época. Esta película é dirigida por Lubitsch com Lionel Barrymore, Nancy Carroll e Phillips Holmes; «O Sinal da Cruz», uma obra maravilhosa de Cecil De Mille que ainda se encontra em produção; «Audácia que assombra» e «Paginas de Escandalo», com Georges Bancroft como principal intérprete; «O Médico Monstro», com Frederich March e Miriam Hopkins «Uma Tragédia Americana» e «Damas de Presidio», com a grande intérprete de «Ruas da Cidade» Sylvia Lidney; «Tu serás duqueza» e «Mon Coeur Balance», com a encantadora artista franceza Marie Glory; «Cabeleireiro de Senhoras», com Fernand Gravey e Mona Goya; «24 horas», com Clive Brook e Miriam Hopkins; «O Cinemaniaco» (titulo provisório), o último filme de Harold Lloyd; «La Chance», com Mary Bell; dois fonofilmes com

os impagáveis irmãos Marx; «A Modista de Luneville», com Madelaine Renot, etc.

De *Castelo Lopes*, apresentamos:

«O Rei da Pandega» e «O Rei do Beijo», dois interessantes filmes que tem a garanti-los o nome do engraçadissimo Georges Milton; «Alcançando a Lua», o penultimo filme interpretado pelo famoso Douglas Fairbanks; «E' preciso casa-los», com a endiabrada Anny Ondra; «Um filho da America», com Albert Prejean e Annabella; «O Filho do Milagre», com Blanche Moniel e Armand Bernard; «Em nome da Lei», com Marcel Chantal e Charles Vanel; «O Agente Secreto» e «Os Três Amigos», com Harry Piel; «O Seu Homem», com Phillips Holmes e Ricardo Cortez.

Da *Companhia Cinematográfica*, apresentamos:

«O Congorila», um fonofilme cuja acção decorre nas selvas do Congo Belga; «O Testamento Inesperado», com Greta Nisse; «Bandido Mascarado», com o célebre cantor Jose Mojica; «A Procura de um milionário», com Joan Bennett, etc., etc.

Estava finda a entrevista.

## São João - Cine

Tem a palavra o sr. Alvaro Pires, gerente do São João-Cine.

—Qual é a sua opinião pessoal acerca da próxima época?—preguntamos.

—Sobre a próxima época, tenho a dizer-lhe que será uma época de luta.

—E filmes?

—Alem da primeira selecção H. da Costa, aliás já publicada, nada lhe posso adiantar, a não ser o contracto que acabo de fechar para a exhibição, no «São João», de «Raparigas em Uniforme», o filme que tanto successo tem feito lá fóra. Dessa selecção fazem parte, como já deve saber, os seguintes filmes: «Quick», «Palhaço», com Lilian Harvey; «I. F. 1 Não Responde», a mais cara produção desta época; «Glória», com Brigitte Helm, que se exhibe esta semana; «O Testamento do Dr. Mabuse», o mais recente filme de Fritz Lang; «O Atrazo do Rápido n.º 13», com Charlotte Susa; «Kiki», com Anny Ondra; «O Concerto de Sans Sanci», com Otto Gebuhr; «Anny Saxofone», com a Anny Ondra; «Aves de Rapina», o filme da *Ufa*, algumas partes do qual decorrem em Lisboa; «O Tigre», com Charlotte Susa; «O Testamento do Marquês de S», com Lilian Harvey; e «O Homem sem Nome», com France Ellys.

—E mais nada?

—Por enquanto, mais nada, mas talvez daqui por uns quatro ou cinco dias já lhe possa dizer mais alguma coisa.

Demos por finda a breve entrevista.

## Trindade

Nada de retórica. No Trindade, responde-nos o nosso camarada A. Armando Pereira, secretário da empresa.

Conversamos á vontade, com aquela familiaridade existente entre colegas da imprensa cinegráfica, sobre a produção a apresentar esta temporada naquele cinema. Perdemos-nos de quando em quando noutros assuntos relativos tambem á arte que nos prende, mas, no entanto, vou tomando nota do que pode interessar os nossos leitores.

—Que se pode vêr, então, esta temporada no «écran» do Trindade?

—Para começar, dir-lhe-ei que temos o exclusivo dos jornais da Fox, cuja importância todos conhecem. Quanto aos filmes de «fundo» além de «Titans do Ceu» actualmente em pro-

jecção, passaremos outros que vão agradar sem dúvida a toda a gente.

O célebre duo Charles Farrell-Janet Gaynor são intérpretes de «Deliciosa» e «Recem Casados». Na primeira aparecem tambem, o impagável actor El Brendel de «1880» e a cega de «Luzes da Cidade», Virginia Cherril.

Joan Crawford e Clark Gable, sob a direcção de Clarence Brown são intérpretes de «Fascinação», outro filme que será exibido no Trindade. Mais: «Arsénio Lupin» num filme policial, com os irmãos Barrymore e uma nova e linda actriz Karen Morley. «Mata-Hari» de G. Fitzmaurice, interpretado por notáveis artistas: Greta Garbo, Ramon Novarro, Lewis Stone e Lionel Barrymore. «Vidas Intimas», com a bela Norma Shearer, Robert Montgomery e Reginald Denny. «O Pecado de Madalena Claudet» com uma grande artista Helen Hayes. Este filme, garanto-lhe que conquistará todo o público. «Sangue Vermelho» (Call Her) a primeira fita de Clara Bow para a Fox, depois da sua retirada do cinema.

—E quanto a produção europeia?

—Tambem contamos com ela. Antes de mais nada, uma que vos deve interessar: O *Sonho Dourado* (Le Rêve Blond) de Erick Pommer para a *Ufa*. Com a vossa encantadora madrinha, a Lilian Harvey, e o Henri Garat. O filme deve ser o grande êxito da temporada. Brigitte Helm será vista num autentico papel de *vamp* em «Mandrágora», a nova versão falada que apresentaremos. E Anny Ondra em «A Filha do Regimento» da opereta de Donizetti. Charlotte Susa, contractada recentemente pela M. G. M. aparece ao lado de Gustav Froelich em «Sob a Falsa Bandeira».

—E' tudo, para agora?

—Sim, por agora, parece-me o suficiente para se dar a conhecer. Há outros cujos títulos ainda ignoramos, duma maneira positiva. No entanto, se quiser tome note: um filme com a Kate de Nagy e o primeiro da vossa rica madrinha, para a *Fox*.

## Olimpia

O que será a nova temporada no Olimpia?!

E' Cesar Ramos, director da elegante sala, que nos responde:

—Não sei, meu amigo. A nossa casa não fechou contractos de qualquer espécie, de maneira que não temos um programa, definitivamente. Com estreias ou reposições seguiremos a orientação mais conveniente, e que o desenrolar da própria época nos irá ditando.

—Mas não tem, ao menos, alguns filmes em vista?

—Por enquanto, não. Livres de compromissos, como estamos, a nossa casa encontra-se habilitada a aproveitar todo o filme de interesse que se lhe apresente. E' quanto posso dizer-lhe.

—Nesse caso...

—... desculpe se não satisfaço a curiosidade dos vossos leitores, mas a verdade é que de facto, nada sei.

—Uma última pergunta: o Olimpia continuará, em todo o caso, a funcionar exclusivamente com espectáculos de cinema durante toda a temporada, não é verdade?

—Sim: tampouco existe motivo para qualquer modificação. Os boatos que correm de uma possível transformação do Olimpia em sala de teatro, não têm fundamento.

E foi quanto conseguimos saber. O director do Olimpia, embora amabilissimo, não estava apto, em virtude das circunstancias, a fornecer-nos outros detalhes.

**No proximo numero daremos as entrevistas com os gerentes dos cinemas: Rivoli, Batalha e Odeon**

# DA VIDA

## ◀ CINEGRÁFICA ▶

### Regresso

Acabaram-se as férias!

Foi embora o sol, a briza aca-  
riciante sucedeu-se a nortada  
agreste e regelada. A praia semelha já um vasto  
deserto, desoladoramente despovoado. Terminou  
o tostamento do pelo, o «maillot» foi ar-  
rumado ao canto da gaveta como coisa inútil.

Acabou o praiismo! Vocês voltaram às au-  
las, á maçada das lições estiradas do velho  
mestre, e nós, que também fomos praiistas re-  
gressamos á nossa secretaria de pinho amarelo  
a fingir pau-preto, voltamos ao amontoado  
apavorante da nossa papelada em desalinho.

Acabaram-se as férias!

Voltou a chuva artilhada e enervante, o  
frio entorpecedor. O Roberto Lino mandou  
concertar o guarda-chuva; o Alves Costa aper-  
tou o colarinho e vestiu o celebrado pull-  
-over d'arminho; o Alves da Cunha reinaugurou  
as galochas luzidas; o Fernando apareceu  
já de sobreteúdo á la Charles Ferrell; os cine-  
mas reabriram, enfim!

De novo o Lillian, a Kate, o Marlène, a  
Annabella.

E reapareceu a «Invicta-Cine».

Ao menos...

### «Chico. Diana.»

O poder  
da opinião  
pública

ba de manifestar-se, de maneira cu-  
riosa, a propósito do filme «Tess of  
the stormy country», que deve ser  
interpretado por Janet Gaynor. Nin-  
guem ignora, por certo, quanto o  
apreciado par Janet Gaynor -  
Charles Farrel é querido do  
público. No filme em referên-  
cia, Janet Gaynor deveria  
aparecer ao lado de um  
parceiro diferente do ha-  
bitual. Desde, porém,  
que essa noticia foi  
conhecida, os studios  
da Fox começaram a  
receber tal quantidade  
de perguntas sobre os  
motivos que obriga-  
vam á separação do  
interessante duo, que  
para agradar ao pú-  
blico, foi resolvido  
juntar novamente  
os dois artistas nes-  
sa fita  
e m  
curso  
da rea-  
lição

### Dorothy Gish

O romance entre Dorothy  
Gish e James Reunie é ve-  
dadeiramente curioso.

James está sob contrato com a First Natio-  
nal enquanto Dorothy actua nos palcos da  
Broadway, o que é um facto irónico.

Quando estavam casados, Dorothy traba-  
lhava para o cinema e James actuava como ar-  
tista teatral. Agora, em virtude das falantes,  
James está trabalhando para o cine e Dorothy  
actuando sob as luzes das gambiarras.

### Um ovo auxilia uma pretendente a artista

Entrar para o  
cinema e a aspira-  
ção máxima de uma  
legião extraordinária  
de «fans». As  
portas dos studios são,  
porém, difíceis de  
franquear, de nada servindo os mais fanta-  
sticos estratagemas. A pequena Edda Haler achou,  
todavia, uma maneira curiosa de se interessa-  
rem por si. Não se deu ao cuidado de inscre-  
ver-se no «casting», nem tampouco procurou  
apresentação para qualquer director.  
Muito mais simplesmente, escreveu o  
seu nome o endereço em diversos ovos  
que foram expedidos da fazenda de  
seu pai para diferentes localidades.  
Um deles foi parar ao prato de Frank  
Heath num dia em que o director da  
Paramount almooça ovos cozidos. In-  
teressado, desde logo, pela rapariga  
que tão esperta se demonstrára,  
o director mandou convidá-la  
a fazer uma prova e hoje,  
segundo todas as probabi-  
lidades, já lhe terá dado tra-  
balho no seu studio.

### Charles Ray

Recor-  
dam-se de  
Charles

Ray, o protagonista divertido  
de tanto filme desopilante? De-  
pois de realizar o seu primeiro  
—o único—filme como artista  
independente. «Miles Standisk»  
—no qual perdeu uma elevada  
fortuna, todos os seus bens,  
Charles Ray organizou um ban-  
quete, que ficou famoso em  
Hollywood, no fim do qual  
anunciou a sua falência. Depois  
disso não voltou ao cine, traba-  
lhando actualmente em «music-  
-hall».

### Notas de Portugal

Prepara-  
-se actual-  
mente a rea-  
lição dum  
novo filme

nacional — «Fátima» —  
que será extraído da  
oratoria do mesmo  
nome do poeta Sr.  
Afonso Lopes Viei-  
ra, com partitura do  
maestro Ruy Coelho.  
Segundo noticias  
fornecidas pela pró-  
pria empreza trata-se  
duma produção em  
que «As imagens  
criadas servirão de comen-  
tário á obra literario-mu-  
sical, ao contrario da regra  
geral em filmes.

O Director de produção é o  
Sr. Henrique Vasques, a rea-  
lição do nosso camarada Anto-  
nio Lourenço e a senhora D.  
Gina Frois, juntamente com o  
realizador teatral Henrique San-  
tana encarregados como assis-  
tentes.

A intenção do filme será mostrar a beleza e  
o colorido de alguns dos nossos panoramas, a  
nossa arte (Poesia Canto - Musica Realisa-  
ção cinematograficas, architectura de alguns  
monumentos, fotografia, etc.) e alguns aspec-  
tos da grandiosidade da romaria, que é consi-  
derada como uma das maiores do mundo no  
hora actual. A' manivela actuará o conhecido  
operador Artur Costa Macedo.

—A «Companhia Portuguesa de Filmes So-  
noros Tobis Klang-films» conta ter o seu estú-  
dio cujo plano de construção foi traçado ulti-  
mamente pelo engenheiro francês Mr. A. S.  
Richard, pronto para nêle se trabalhar em fins  
deste ano. O primeiro filme—ao que parece «A  
Varanda dos Rouxinóis»—será dirigido por  
Leitão de Barros e Chianca de Garcia.

—«Campinos de Ribatejo» de Antonio Luiz  
Lopes foi apresentado já em Lisboa, como se  
sabe, com relativo successo. Folgamos com isso  
e esperamos vê-lo dentro em breve num dos  
nossos cinemas.

### Noticias de Hollywood

Segundo as últimas estatís-  
ticas de Hollywood, de 6000  
extras ali existentes sómente  
1 conseguiu trabalhar durante  
cinco dias. Estas estatísticas são  
referentes de Janeiro a Junho do ano corrente.

—Sari Maritza desempenhará o papel de  
Clara Bow na versão sonora de *Hula*.

—Foi criado recentemente em Hollywood  
um laboratório de máscaras de borracha de  
tal fórma perfeitas que permitem a qualquer  
pessoa imitar um artista. Assim tem-se feito  
máscaras de Lon Chaney e Greta Garbo, que  
muito podem permitir em tempos vindouros.

—Tendo perguntado um jornalista, a Gary  
Cooper quais as suas impressões sobre a sua  
última viagem á Africa este salientou que a  
mais notável fôra aquela em qu. um rinocer-  
onte, que já o havia obrigado a subir para  
uma árvore, derrubou outra como se esta fôra  
de mata-borrão.

—Para se avaliar dos auspícios da indús-  
tria cinematográfica bastará dizer que a Fox  
perdeu em 1931 só quatro milhões de dolares.

### Emilio Loubet

No próximo número es-  
te nosso camarada de re-  
dacción, principiará a publi-  
car nas colunas da nossa revista algumas das  
suas mais sensacionais impressões cinema-  
tográficas colhidas na sua última viagem, ao es-  
trangeiro.

Podemos já anunciar «Uma entrevista com  
Collette Darfeuil», «Uma visita ao Stúdio da  
Tobis» e «Uma não-entrevista com Dolly Da-  
vies», etc., etc.

### Maciste morreu

Em 30 de Setembro do  
mês passado faleceu o vé-  
lho e conhecido actor ci-  
nematográfico italiano Bartolomeu Pagano,  
(Maciste) que de há largos anos vinha fazendo  
as delicias dos entusiastas do filme de aventu-  
ras.

Maciste, apesar de já não ser jovem, traba-  
lhava ainda no cinema, tendo sido o intérprete  
de vários filmes de sua produção, entre os  
quais:

«Maciste entre as Féras», «Maciste contra  
os Mouros», «Maciste Imperador», etc.

Paz á sua alma.

### Estreias da semana

Do proximo nu-  
mero em diante con-  
tinuaremos com esta  
secção de resenha aos filmes apresentados nos  
nossos cinemas.



LILLIAN HARVEY

A nossa querida madrinha, vai aparecer-nos na  
proxima semana em «Quick, o palhaço»  
no São João Cine.

Os leitores da *Invicta-Cine* talvez se lembrem ainda de um artigo que, no ano último, aqui consagrei á obra de Abel Gance, *O Fim do Mundo*. Referia-me então ás qualidades do filme, á inspiração de certas imagens e, infelizmente também, ao tom caótico, ao desequilíbrio de certas cenas, muito extensas umas e muito pouco desenvolvidas, outras.

Quem acusar, deante de um resultado tão fraco? O autor? Sabe-se bem que, com uma ou duas excções, não há, em França como no estrangeiro, um realizador que se possa exprimir livremente. A casa productora? Os distribuidores? Talvez. E o público? Não lhe cabe também a responsabilidade da penúria de alguns filmes, a êle que, pela sua intransigência bizarra, tem suportado muitos filmes péssimos e assoviado obras de valor?

Difícil chegar a uma conclusão, com respeito ao filme de Abel Gance. Se o público o pateou, não é razão para que, depois da sua exclusividade nos *boulevards*, sejam dêle privadas as salas de bairro, a provincia e o próprio estrangeiro. É uma obra a bem dizer cõxa, mas terrivelmente original e tumultuosa. Raramente Gance tem conseguido atingir um tal lirismo. O próprio tema merece ser estudado. Então?

Decidi, pois, ir procurar Gance, com quem tive o prazer de conversar. Fui recebido nos seus escritórios de Paris, onde chegam constantemente telegramas de Moscovo e de Berlim. Ele pensou muito em *O Fim do Mundo* para que, vendo-o amputado e desfigurado, se revoltasse. Bela atitude a do grande artista, refugiando-se na sombra! Assim, sabendo-me embora dedicado, o mestre nada me-falou do seu filme. Confirmou-me unicamente a minha opinião: tudo o que era bom foi cortado. Deixaram o resto. Fizeram um filme de duas horas, comercial, sem pensar no equilíbrio geral...

Reabilitar-se? Para quê?! Gance sabe bem que os que confiam na sua estrela não o viram empalidecer.

Contudo, Abel Gance informa-me acerca de outros projectos. O seu próximo filme será *Le Vaisseau Fantôme* de que foram já realizadas algumas cenas. Será um filme de inspiração puramente lírica: as nuvens, o sol, a água, as árvores do mar, os marinheiros serão os interpretes. Qualquer coisa de voluntariamente simples e curto.

Nas paredes do *bureau* de Gance vejo algumas fotografias representando os tripticos de *Napoleão*, multidões transfiguradas, oceanos em fúrias, batalhas cheias de fumo e de sangue. Penso em *A Roda*, um dos seus grandes filmes, nas máquinas, nas bieas, nas paisagens, na sinfonia dos *rails* que êle foi o primeiro a levar ao cinema.

Gance é um dos maiores artistas que possuímos em França. Com os russos, é o primeiro poeta lírico do cinema. A sua arte não será talvez mais do que documentária e por isso mesmo maior.

Abel Gance tem sabido mostrar-nos a terra, o céu, o oceano, revelando-nos as suas almas. Dir-se-ia que os elementos lhe obedecem. O cineasta mágico diz-lhes: *vive!*, e a árvore canta com as suas folhas a canção do vento, do sol, da saúde; o oceano revolve-se, inundando a tela. Vêdes o écran? Não. Apêns uma magistral sinfonia.

*O Fim do Mundo*, amputado ou não, deve passar em todos os écrans. Os bons filmes são raros, muito raros, para que se deixe de os mostrar. O espectador saberá reconhecer as tesouradas. Mas sentirá também o ardor de Abel Gance, da sua arte, que está acima das banalidades e das convenções.

DANIEL MAYBON

## O ultimo filme de Greta Garbo

Corria na tela do *Capitol*, o filme «As You Desire Me» versão da peça «Come tu me vai», de Pirandello, já conhecida do público de Nova York, que agora a tem no cinema para medir as diferenças.

Arrastavam-nos êsses dois nomes: Greta Garbo e Pirandello. Fômos ver o filme que, por ser de quem é, mantinha a casa cheia.

A história, como se sabe, é a de uma duquesa que perde a memória, nos fins da guerra, alheando-se de si e dos seus, e longe do ma-

# DOS NOSSOS REDACTORES NO ESTRANGEIRO

rido. deslembada da vida anterior, conquista para si um mundo de novas sensações, uma existência outra, livre, despreocupada independente. Dir-se-ia uma alma virgem, nascida daquele primeiro impulso vital — liberta de preconceitos, alheia aos tabús e não-farás com que futilmente se reblinda a cidadela social.

Terminada a guerra, o marido, senhor de vastos latifúndios em certo rincão da Itália, dedica-se inteiramente a buscar a esposa adorada. Envia agentes e mensageiros a tôdas as partes, mas não há o mais leve indício da desaparecida. Decorridos dez anos, um dos emissários do duque supõe descobri-la na pessoa de uma cantora de Budapest — dama de alto círculo de adoradores, esplendente de beleza, arredia, bizarra, inalcançável nos vãos da sua sempre fugidia imaginação.

É assim, de cabeleira de prata, incompreensível, abstracta, impalpável, quasi volátil, que nos aparece Greta Garbo como sen o a suposta duquesa.

Levada para o solar do duque, ela permanece como que flutuando num sonho, tôda alheia á vida anterior... Quem sou eu? De onde vim?... pergunta-se a si mesma, sem poder libertar-se da duvida.

Os velhos criados, que tanto a estimavam, lembram-se daquela noite trágica, cheia de atribuladas buscas, tôdas infructíferas, em que a sua linda senhora desaparecera. Mas nenhum dêles pode, sem sombra de dúbida, identificar essa mulher, que lhes vive na lembrança, e m aquela que acaba de chegar. Há na sala um grande retrato da desaparecida, pintado logo após o casamento dela, e é essa a prova mais forte contra uma possível identificação das duas senhoras: a do retrato, que é autêntica, e a outra, centro talvez de um grande embuste.

É aí que começa o verdadeiro drama interior dessa mulher, magnificamente personificada em Greta Garbo.

Deslembada de tudo, dessa existência que talvez nunca tivesse experimentado, ela esforça-se por se integrar na moldura do amor resuscitado que lhe oferece o marido, mas, contra todos os seus anseios, lá está na efígie da outra, — da mulher realidade — jovem, bela, esplêndida, o desmentido de todos os seus sonhos! É aquela a imagem que o esposo venera... É aquela a que lhe vive na lembranças. Ah, pudesse ela despir-se agora das roupagens desta vida presente, cheia de dúbida; sobre si mesma, e enquadrar-se na moldura daquele retrato — viver em pessoa, para jù-lo do esposo, tôda a plastica sublime e também a alma que o artista ali deixara impr ssa!

Para o fim do filme, vemos realizar-se o milagre. Já não há mais dúbidas. As duas mulheres se identificam uma com a outra — a real, a do retrato, e a ex-cantora de Budapest, que é agora o objecto de adoração do duque. Mas, nesse ponto, introduz Pirandello uma espécie de ante-clímax na pessoa de uma victima de amnesia, descoberta num asilo, que dizem ser a verdadeira desaparecida...

Esta versão cinematográfica termina ao revés da peça, por ue é Greta Garbo, magicamente metamorfoseada na esplêndida «ama do retrato, que fica ao lado do esposo. Mas a gente fica na eterna incerteza sobre quem seja a verdadeira mulher desaparecida — e nessa dúbida da audiência, que entra a experimentar o mesmo estado dubitativo da personagem do drama, é que está tôda a genialidade da obra de Pirandello!

Milhares de vezes o cinema se tem valido da amnesia para focalizar dois estados de existência, mas sempre o fez da maneira mais chã e objectiva. Na obra de Pirandello é que os efeitos dessa lesão mental se tornam verdadeiramente penetrantes, porque aí vemos — ou sentimos — a função da memória como matriz da realidade consciente. Por entre dois abismos — passa essa linha recta da lembrança, ligando os acontecimentos, e a um simples fal-scar do pe, apagada a memória, podemos rolar no despenhadeiro da morte, ainda que continuemos com vida...

ARTHUR COELHO

## Greta Garbo está viúva?

«Como se sabe, Greta Garbo chegou recentemente a Stockholm, proveniente de Hollywood. Tendo conseguido que a empresa a que está ligada lhe concedesse alguns meses de férias, a simpática artista aproveitou-as para deixar o sol californiano e os reflectores de Hollywood e ir repousar um pouco ao seu país natal e rever a sua familia. Eis, pelo menos, o que deu a conhecer a imprensa de todo o mundo. Durante algum tempo, êsses motivos foram merecedores de crédito, mas sabe-se agora que uma outra razão, mais imperiosa, chamou a vedeta a Stockholm.

Hoje, já não existe qualquer segredo. Greta Garbo é viúva!

Viúva do excelente encenador que foi Mauritz Stiller, falecido há alguns anos em Hollywood, e que conheceu quando êle esteve na Suécia em 1923.

Depois do primeiro successo de Greta Garbo no filme silencioso de Pabst, *A Rua sem Sol*, os dois esposos embarcaram para a América, onde Mauritz Stiller realizou alguns dos primeiros filmes de Greta que tiveram o dom de entusiasmar o público.

Ninguém imaginava, em Hollywood, dos laços que uniam os dois artistas; ninguém sabia que Mauritz Stiller tinha desposado Greta Garbo em Constantinopla em 1924.

Porque esconderam os dois esposos a sua união? Talvez Stiller temesse que a divina Greta perdêsse o seu prestígio junto do grande público.

Após o falecimento de Stiller, Greta Garbo tornou-se cada vez mais solitaria, taciturna, intratável e tímida. Não recebia visitas nem tampouco as fazia. Passava os dias no estúdio para, à noite, voltar á sua magnífica propriedade de Beverly Hills, só, sempre só.

Julgava-se em Hollywood que a dor que sentiu pela morte do artista Stiller a incitasse a retirar-se do mundo e que o fazia pela admiração que tinha pelo genial talento do camarada desaparecido. Nem num só momento se supõe que se tratasse de luto de esposo.

Como se fez conhecer este segredo, tão preciosamente guardado até aqui?

No consulado americano de Stockholm, está um processo em suspenso. Trata-se da herança de Mauritz Stiller, que deixou a maior parte da sua fortuna na Europa e é em qualidade de viúva do encenador, que Greta Garbo reivindica a successão. Por enquanto, o consulado americano está silencioso.

Todavia, é já certo que Greta Garbo terá de sustentar uma luta séria contra os membros

# PRIMEIRA CRONICA DE LISBOA

Estamos precisamente na época em que mais apetece ir ao cinema.

Lisboa repovoa-se dessa gente que partiu há meses para as praias e para os campos, dessa gente que vem com saudades do écran, dos seus astros preferidos, dessa gente que, durante alguns meses, sentiu a nostalgia do cinema.

Vêm se ainda pelos cinemas imensos rostos bronzeados, adivinha-se um vago cheiro a iodo e a marisco, nota-se por toda a parte um certo ar saudável, desportivo e moderno.

Os cinemas enchem-se, esgotam-se as lotações.

A hoste cinéfila cresce dia a dia, ganha novos adeptos, de todas as culturas, de todas as idades e de todas as classes.

A produção cinematográfica, por seu turno, tende sensivelmente para um grande melhoramento de qualidade.

Leiam vocês os anuncios das casas distribuidoras.

Só cada uma tem, à sua conta, um magnifico lote de filmes de cujo valor não podemos duvidar, perante o nome dos seus realizadores e dos seus intérpretes.

A América e a Europa vão travar este ano, mais renhidamente do que nunca, uma luta pela supremacia.

E embora a vitória pareça inclinar-se francamente para o nosso Velho Continente, com muitas surpresas temos ainda de contar.

Em última análise, quem lucra sempre é o público, que não veria frequentemente filmes duma certa categoria, se esta rivalidade não existisse.

Portanto, preparem-se todos para gosar a época cinematográfica de 1932-1933, que vai ser, talvez, a mais rica em grandes produções.

---

da família do finado, antes de entrar de posse da herança que, apesar da sua importância, não deve ser de grande valia para Greta, se se considerar os grandes bens que ela possui.

Não é verdade que o seu contracto lhe renderá, na sua volta a Hollywood, a linda quantia de 12.500 dollars por semana?\*

O artigo que transcrevemos, assinado por F. Dagron em *Pour Vous*, vem revelar-nos um segredo extraordinário, avaramente guardado pela misteriosa estrela, durante tantos anos e vai provocar sem dúvida, um maior movimento de admiração pela talentosa artista, que foi honestamente reservada no seu grande amor.

Senhoras e senhores!

Os cinemas abriram as suas portas! Vai começar a luta entre a Europa e a América!

E' entrar! E' entrar!

## pelos cinemas lisboetas

### Tivoli—*O Expresso de Shanghai*.

Eis o melhor fonofilme de Josef von Sternberg feito na América, ou até talvez, simplesmente, o melhor fonofilme de von Sternberg.

Quanto a mim nem *Marrocos* nem *Fatalidade* igualaram o *Anjo Azul*.

O *Expresso de Shanghai*, todavia, pode colocar-se no mesmo plano do fonofilme alemão ou até mesmo num plano superior.

O famoso realizador austriaco consegue, como nenhum outro, criar um ambiente, uma atmosfera. Dispondo além disso dum opulento poder de expressão, duma segurança técnica formidável, e tendo sob as suas ordens um elenco notabilíssimo, construir uma grande obra, um filme que deve ser, sem dúvida, um dos melhores apresentados na presente época cinematográfica.

Desde o começo, na estação de Pekin: o movimento, o *brou-ha-ha* da partida num ambiente exótico; a descrição por vezes humorística das personagens que viajam no *Expresso de Shanghai*, todas as cenas que se desenrolam no comboio até ao final, tudo é conduzido com uma segurança e uma perfeição notabilíssimas, sem hesitações, sem uma quebra de ritmo.

O filme é também valorizado por uma fotografia e uma distribuição de luz maravilhosas.

Alguns planos, como os do comboio que avança na penumbra, vendo-se os rôlos de fumo subirem em roldão e misturarem-se com as nuvens numa zona fortemente iluminada e alguns grandes planos de Marlène Dietrich, são belíssimos.

A interpretação, admirável!

Clive Brook, sempre sóbrio, sempre expressivo, o grande actor de sempre.

Marlène agradou-me ainda mais neste filme do que em qualquer dos seus anteriores trabalhos, E', na verdade, uma das grandes artistas de cinema.

Dos restantes—todos bem, aliaz—destaca-se Warner Oland, num papel característico, dentro da sua predilecção.

O diálogo é curto, sintético, expressivo.

O *Expresso de Shanghai* é, finalmente, um esplêndido fonofilme que agrada ao crítico e ao espectador, justificando plenamente o sucesso que tem tido no Tivoli:

E agora um reparo.

E' lastimável que um filme desta categoria tenha legendas tão mal redigidas.

Quando é que a Paramount nos dará legendas em português?

### Central—*Quick, o palhaço*.

Robert Siodmak realizou um filme inferior a qualquer dos anteriores fonofilmes de Lilian Harvey, mas que se vê com um certo agrado.

E' um filme que não entusiasma nem aborrece.

Lilian Harvey, a linda madrinha dos rapazes cá da *Invicta-Cine*, mais uma vez se mostra a grande artista que é, e a ela se deve, em boa verdade, o agrado do filme.

Armand Bernard engraçado, num papel pequeno.

Pierre Brasseur bastante feliz, num papel cómico.

### S. Luís—*Anny Kiki*

Eu não gosto de Anny Ondra nem como artista, nem como mulher; touvia os filmes dela costumam ser tão bem feitos, que raras vezes deixo de os ver.

Carl Lamac, o habitual realizador dos filmes de Anny Ondra, é um nome em que eu tenho confiança.

Constantemente em actividade, sem fazer à volta do seu nome uma grande publicidade, tem produzido uma obra regular de bom sentido cinematográfico e artístico.

*Anny-Kiki* é uma deliciosa comédia, leve, frívola, cheia de espírito. E' um filme bem construído, com movimento, ritmo, com imensas situações hilariantes, boa música e boa fotografia.

A *trouville* dos chapéus trocados, por exemplo, é impagável.

E', enfim, um filme de que eu teria gostado abertamente, se não antipatisasse tanto com a Anny Ondra.

### Condes—*O Rei do Beijo*

O quarto reinado de Bouboule Bouboule canta, Bouboule ri, Bouboule é inconveniente, Bouboule tem graça, Bouboule irrita senhoras da sociedade, Bouboule é rico, Bouboule ama e Bouboule também dá dois ou três beijos. Bouboule volta a cantar! Bouboule é feliz!

Lisboa, Outubro de 1932



JEAN MARSH

Férias. Todos conhecemos êste intervalo entre dois tempos d'actividade, em que o corpo precisa descansar das fadigas mentais e físicas. E com que ansiedade sempre as aguardamos, porque elas dão-nos uma vida despreocupada, correndo ao sabôr dos nossos caprichos acessíveis.

As férias são o domingo do ano.

A maioria, dos que as disfrutam, levam-no de lãbuta esperando-as na intenção de aproveitarem sempre o melhor possível essas semanas de descanso.

Julho, Agosto e Setembro são os meses ideais. A praia e o campo animam-se extraordinariamente com a visita e estadia de estranhos que as disfrutam sôfregamente. Corpos ao sol, quási despídos integralmente e a vida corre numa alegria trasbordante e comunicativa, que o mar espelhado pelo sol e a verdura das campinas batida levemente pela brisa do verão, inspiram, magnetizando.

\* \* \*

Imaginam muitos que a vida do actor cinematográfico já por si é uma existência de férias, adorável e encantadora, e o seu trabalho uma brincadeira, um verdadeiro passa-tempo. E quando lêem em qualquer periódico que uma vedeta qualquer foi passar a tal parte as suas férias, sorriem, como sorririam, exactamente, d'um individuo que durante o ano andou a passear por aqui e por acolá e resolveu por fim ir passar as férias além. A vida dos artistas! Mas que grande pândega! Só se forem descansar do esfalfamento da vida desregrada que levam, na Hollywood do pecado! Assim pensa muita gente.

Mas, o leitor, que como nós anda enfarinhado nestas coisas de cinema e está ao par da verdade das coisas relativas á vida cinematográfica, sabe muito

# COMO AS ESTRELAS PASSAM AS FERIAS

bem que não ha nada mais absurdo do que essa ideia que fazem dos artistas os mal-intencionados vulgares.

A actividade cinematográfica é das mais violentas. E' daquelas que consomem a paciencia e escangalham o organismo. Horas e horas enclausurados num estúdio, sob a acção calorifica dos projectores e demais material de iluminação, quantas vezes com roupas em abundancia sôbre o corpo, pelas exigencias da «mise-en-scene»; repetição constante de atitudes e de gestos, até satisfazer a vontade do realizador, vinte minutos, quando muito meia hora, para comer uma sintética e indispensavel refeição. Isto depois duma entrada ás primeiras horas da manhã, para sair com o sol posto e não poucas vezes já ao meio da noite.

Aí tendes, superficialmente, um dia de trabalho dum invejável actor de cinema. E isto repete-se ao outro dia, ininterruptamente, durante semanas, meses e quási um ano inteiro, para alguns.

\* \* \*

Calcullem agora o contentamento dos artistas ao chegarem as suas férias. Todos os anos, nesses três meses de verão, os estúdios de Hollywood entram em calmaria. Se se produz é muito pouco. E os artistas dispensados correm para os seus pontos predilectos, a gosar êsses merecidos dias de descanso, após um trabalho intenso e prejudicial á saúde, procurando reconfortar se para voltarem frescos e bem dispostos ao trabalho, na nova época.

Todas as figurantes banhistas especializadas ou não, lá marcham também para Palm Beach e outras praias das proximidades da Cinelândia, a fazer a sua estadia de repouso... e de conquista. Vestem os fatos mais atraentes que encontram e procuram seduzir toda a gente. Quem sabe, talvez por lá se encontre algum

categoria dos estúdios a quem a sua graça e *sex appeal* chamem a atenção? E' preciso jogar a sorte.

Não são poucas as estrélas que adoram o mar passando longo tempo metidas na agua. Leila Hyams, por exemplo, é considerada uma das mais eximias nadadoras de Hollywood, revelando-se duma segurança pouco vulgar. Carol Lombard, a excentrica Marion Davies e a formosa Norma Shearer são outras excelentes nadadoras, mas enquanto que as duas primeiras gostam de estender-se ao sol para se bronzearem, a linda Norma, evita-o o mais possível, certamente para não crear a alvura agradável da sua pele.

Constance Bennett, Jean Harlow a bela dos cabelos platinados, Joan Crawford, Richard Arlen e muitos outros são apaixonados da natação. Já Dolores del Rio e Miriam Hopkins frequentam muitissimo a praia, mas raramente mergulham. Limitam-se a andar ao sol, ou a exhibir bonitos e vistosos pijamas que fazem sensação.

Clark Gable, Robert Montgomery, John Gilbert, Ann Harding, Estelle Taylor, Neil Hamilton, Gary Cooper e Phillips Holmes, prendem-se com a equitação, passando a temporada de férias em vários ranchos do oeste.

John Barrymore gosta de remar, levando assim o seu tempo pelos rios cujas margens pitorescas são conhecidas.

Outro que se encontra também no rio frequentemente é o colossal George Brancoft, doido pela pesca, gostando ainda da caça com arma de fogo.

\* \* \*

Enquanto aqueles ficam por lá esquecidos nas suas predilecções favoritas, outros lançam-se nas viagens tomando rumo á Europa, como Joan Crawford e seu marido Douglas Fairbanks Junior que ultimamente estiveram em Paris e Londres. Lillian Gish também passou de fugida em Paris, não se sabendo aonde se dirigia, com a sua mania de viajar incognita.

E os figurões do Laurel e Hardy, lembraram-se este ano de vir ao velho continente; desembarcaram em Londres, estiveram em Paris e fizeram algumas brincadeiras á sua moda para fazerem rir os cinéfilos que os aguardavam. A mais importante de todas as viagens á Europa é, porém, a da melancólica e incompreendida Greta Garbo á sua terra natal—a Suecia.

A estranha vedeta de Hollywood sentia há muito o desejo de voltar aos logares da sua primitiva existência. Adia de ano para ano. Chegou-se a dizer que ela não regressará mais á Cinelândia, mas a verdade é que Greta Garbo continuará a sêr em Hollywood, aonde deve voltar, a eterna mulher vítima da bisbilhotice *yankee* e escrava da arte a que se consagrou. A «esfinge de Hollywood» é um tipo inconfundível e insubstituível...

A sua viagem é simplesmente de férias. Não tenham dúvidas.

Férias! Os artistas de cinema são aqueles que mais as necessitam—embora assim não pareça.

J. A. DA C.



NANCY CARROL  
em férias

## BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA pelas Ex.<sup>mas</sup> Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO

OLYMPIA

ODEON

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 22 ou 29 de Outubro de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 22, 27 e 29 de Outubro de 1932.

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão nos dias 22 ou 29 de Outubro.

As crianças que por ventura forem acompanhados do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

# A HISTÓRIA DE MARLÈNE DIETRICH

A história de Marlène não é única. E' até vulgar nas grandes estrelas do cinema. Começam a trabalhar e passam dias, meses, alguns anos, na obscuridade, perdidas entre a figuração, ou na média desrelevante dos papéis secundários. Mas, eis que um dia a sorte bafeja-lhes a carreira. Inesperadamente, como que caído do céu, surge-lhes na frente um homem, um realizador de talento que as fita e as guindam aos cumes de fama. E então, passam a ter uma nova vida, de adoração, que satisfaz a sua sede de universalidade, recebendo cartas de admiradores, sendo olhadas com insistência e certa inveja. Eis a de Marlène Dietrich.

Joseph Von Sternberg veio à Alemanha para dirigir *O Anjo Azul*. As intérpretes da sensual e frívola Lola-Lola poderiam ter sido Mae Murray ou Gloria Swanson, que nelas pensou primeiro o realizador de *Escoria Social*; mas circunstâncias de carácter particular as impediram de aceitar esse papel.

Que seria hoje de Marlène se isso não tivesse acontecido?

Sternberg não encontrou mais alguém na constelação cinegráfica, capaz de preencher fisicamente as exi-

gências da mulher que a sua imaginação pretendia crear nessa nova produção da *Ufa*. Viu-se forçado a lançar as vistas para os meios alheios à arte do cinema. Percorreu cabarets, music-halls, teatros, tudo enfim onde encontrasse mulheres artistas.

Finalmente, quando pensava já não achar a mulher ideal, encontrou-a, num music-hall.

Era ali que se encontrava a sua preocupação. Aquela jovem simpática, de olhos penetrantes, prendeu-lhe logo a atenção. Despiu-a com os olhos e anteviu a materialização da imagem que concebera para o seu filme.

Falou-lhe e admirou-se dela ser já artista de cinema. Não era conhecida. Disse-lhe então que faria dela alguém; procuraria, na gama da sua figura e do seu valor artístico, tirar os melhores resultados, que ela tinha-os sem dúvida. O que faltou foi quem lh'os tivesse adivinhado. Convenceu-a. E cumpriu a sua promessa. Deu-lhe um papel bastante amoldado à sua estranha figura feminina e iê-la ressaltar êsses dotes que a consagraram e que têm sido a base do seu sucesso.

Em *O Anjo Azul*, em *Marrocos*,

em *Fatalidade*, Marlène recorta-se sempre com êsse *sex-appeal* mórbido que Sternberg soube arrancar-lhe, pondo-o constantemente em estado latente e magnetisante.

Marlène parece-nos pois uma «massa» que só Sternberg sabe modelar. Andou pelas mãos de bons realizadores e jamais alguém vislumbrara o seu ponto maleável e sedutor.

Sem o «seu» director talvez seja a mesma figura apagada de então.

Mae Murray só atingiu o máximo da sua expressão, quando se viu dominada pela férrea direcção de Eric Von Stroheim, em *A Viuva Alegre*; abandonando-o, voltou a ser a mesma e banal intérprete dos seus filmes anteriores. E êste não é um único exemplo, em que o intérprete ao deixar de ser dirigido por aquêle que o fez alguém, tomba no zero, ou na vulgaridade. Há muitos outros.

A famosa Marlène aparece-nos de novo guindada pela mão delicada de Sternberg em *O Expresso de Shanghai*. E' a mesma—atraente perturbante e artista nêsse âmbito em que o consagrado cineasta no-la mostra.

J. ALVES DA CUNHA



Marlène Dietrich e Clive Brook em *O Expresso de Shanghai*.

# De cinéfila acérrima a artista de cinema. O elogio da artista

## ANNABELLA

O artista não é grande apenas na extensão absoluta do seu papel através dum filme — não é isso sómente que lhe pode emprester notoriedade e ocasião oportuna para meter à prova as suas qualidades de comediante.

E' facto que os papeis de constante presença o que geralmente são considerados os primordiais pelo público mais vulgar e superficial, rendem-lhe uma popularidade mais segura. Mas da popularidade à devoção, isto é, da «constante presença» à manifestação dum sentido apurado da arte de representar, vai uma grande distância. Quantos intérpretes bailam para aí constantemente nas bocas dos cinéfilos ligeiros sem todavia terem demonstrado merecer duma maneira insofismável essa deferência. E porquê? Só porque aparecem com frequência no écran e são vistos quasi desde a primeira à última imagem do filme; só porque são incumbidos de papeis que valem por si próprios e não pelo seu valor de artistas.

Entretanto, outros mais recônditos na fulgurancia d'esses «astros d'occos» revelam-se aos olhares mais perspicazes como puros valores que o acaso ou o azar não permitem evidenciar-se pujantemente. E esses, quantas vezes nós os buscamos nos pequenos nadas aparentes das imagens, olha do-os com a maior das simpatias e tributando-lhes nalguns casos o melhor do nosso reconhecimento. Não poucas vezes, no caso duma bambochata, nuna insignificancia filmica, ou mesmo na obra prima, surgem-nos esses seres apagados, como brilhantes perdidos num montão confuso de onde faiscam por interstícios.

Não vamos agora crear um estendal, nem tomar aspecto de juiz que pretende pôr as coisas no seu lugar, citando nomes. Seria em vão; tanto mais que os leitores inteligentes têm sabido distinguir perfeitamente o trigo do joio.

As palavras acima foram-nos sugeridas pelo nome de Annabella, uma rapariga inteligente cuja fama, relativamente, é bem pequena. Os seus papeis não têm sido de «grande comprimento» — eis a razão.

Não se pode negar-lhe no entanto a importância justa do seu valor de artista.

*Napoleão*, o grande filme de Abel Gance, foi o seu debut. Muito nova ainda, confiaram-lhe o papel de Violine Fleuri, de grande relêvo, onde manifestou gamas extraordinarias de sensibilidade filtradas por um temperamento inato de artista, embora se perdesse um pouco no grande e confuso numero de tantos intérpretes, não contando ainda algumas cenas que diziam serem das mais patéticas, as que as puderam ver particularmente e que não foram incluídas na obra apresentada.

Este papel, que na opinião da própria intérprete, é o melhor que lhe confiaram até hoje, foi moldado na mais ardente convicção gerada por uma força de vontade e uma fé, só compreensíveis nos seres que amam verdadeiramente e com paixão a sua arte.

Annabella desde muito creança sentiu inclinação pelo cinema, interessando-se loucamente por tudo que lhe dizia respeito. Era o que se chamava uma autentica cinéfila, correndo para os cinemas, lendo sofregamente as revistas da especialidade e olhando e seguindo com um incalculavel fanatismo as fitas de episódios de então. Em casa, repetia as cenas que vira no écran, na companhia das suas pequenas condiscipulas. E ao que consta, a pequena Annabella, já convencia e entusiasmava as suas companheiras, que viam nela uma tempera de artista em embrião. A respeito desta prematura e desenfreada paixão, é interessante repetir algumas palavras desta artista:

«Se eu nunca tivesse conseguido ingressar no cinema, creio que me teria suicidado. Eu era terrível. Já muito pequena, escrevia aos artistas, depois de saber os seus endereços pelos respondedores das revistas cinematográficas. Com treze anos, eu era uma rapariga turbulenta e indisciplinada que matava a paciencia dos meus pais. Tinha então uma soberba coleção de vedetas. No Liceu exhibia o meu medalhão com as fotografias de Norma Talmadge e Mae Murray. E quando dormia, um grande retrato de Mae Murray velava o meu sono à cabeceira. Esta alvoroçada paixão não agradava lá muito a meus pais, porque eu — até sinto vergonha em confessá-lo — conseguia subtrair-lhes algumas moedas e ainda por cima vendia os meus livros de escola aos alfarrabistas, só para ir ao cinema. Os meus cadernos andavam preenchidos com «cenários» da minha autoria. E isso foi a causa dum certo dia, os meus pais receberam uma carta da directora do Liceu pedindo para me mandarem exercer o meu talento de «cenarista» noutro estabelecimento. Calculem vocês a cena que me esperou em casa nesse dia!...»

Seu pai ante a sua inabalável dedicação e bem contra a vontade, convenceu-se de que ela não poderia consagrar-se a qualquer



ANNABELLA CHARPENTIER

outra maneira de viver que não fôsse concernente à vida cinematográfica. E procurou então um meio de facultar-lhe esse desejo. Falou com alguns conhecimentos de Abel Gance e logo se deu a coincidência d'este realizador andar procurando uma ingénua. A sorte surgia-lhe assim oportuna traçando-lhe o caminho a seguir — esse destino tão ambicionado desde a mais tenra infância. Annabella contava dezassis anos, quando começou o seu trabalho em *Napoleão*.

Desde aí, continuou a manifestar a sua actividade, tendo aparecido em *Maldone* de Jean Grémillon, *Trois jeunes filles nues* de Robert Boudrioz, depois na *Barcarola d'Amor* de Henry Rousell, um fraco filme falado exibido o ano passado num dos nossos cinemas; *La Maison de la Flèche* de Henri Fescourt, versão francesa filmada em Londres; *Romance à l'inconnue et Deux fois vingt ans*, para a Gaumont.

Chega a altura de trabalhar sob as ordens de René Clair em *O Milhão* nesse encantador papel de dançarina ao lado de René Lefebvre. Vem depois *À Roça d'un Inquérito*, da Ufa, onde ela na versão francesa têm um papel bastante insignificante e acessório.

Em *Uma Noite de Rusga*, sob a direcção de Carmine Gallone, ao lado de Prégean, mostra-se num papel de maior relêvo, quer no predomínio que têm sobre a acção a sua figura, quer na interpretação que se manifesta vibrante de sentimentos, vivida com extraordinária emoção. Segue-se outro filme: *Son Altesses l'Amour Dois num Automóvel*.

Annabella Charpentier nesta produção, ao lado de Jean Murat, accentua uma vez mais esse poder de simpatia que nos inspira a sua pessoa, figurinha gentil e tímida, de pequena espontânea e doce. Depois, mais uma vez sob a direcção de Gallone e ao lado de Prégean trabalha em Berlim, para a Ufa, na versão francesa de *Un fils d'Amérique* e recentemente concluiu um novo trabalho no filme *Une Histoire d'Amour*, dirigida por Paul Fejos o realizador de *Fontomas e Solidão*. Este filme realizado em Budapeste, têm ao que nos informam, quatro versões, (francesa, alemã, hungara e inglesa) mas todas elas com os mesmos intérpretes.

Como observaram pela parte descritiva da carreira desta jovem artista que hoje conta ainda vinte e dois anos de idade, Annabella tem um lugar bem marcado na produção francesa, caracterizado não apenas por uma laboração mais ou menos regular, mas tambem por uma influencia interpretativa e fotogénica que não sendo de efeito fulminoso para o grande publico, não escapa aos espiritos mais finos e observadores.

Para a sua consagração popular falta somente que continuem a dar-lhe papeis onde ela apareça como personagem central, correndo da primeira à última imagem como já se vem fazendo nestes seus últimos filmes. Então o público fixá-la-há bem melhor na retina, passando-a à memória.

E Annabella Charpentier terá a fama merecida.



# PHOTOPHONE

**A marca famosa de aparelhos sonoros que em todo o mundo tem obtido a preferencia da maioria dos exibidores, já se encontra instalada nos seguintes cinemas de Portugal:**

Casino Fundanense . . . . .	Fundão
Coliseu da Beira . . . . .	Guarda
Teatro Municipal . . . . .	Funchal
S. João Cine . . . . .	Porto
Teatro Aveirense . . . . .	Aveiro
Tivoli . . . . .	Coimbra
Cine Paris . . . . .	Lisboa
Teatro Circo . . . . .	Vila Real
Cine Teatro . . . . .	Vila Real
Teatro Avenida . . . . .	Vizeu
Teatro Ginasio . . . . .	Lisboa
Teatro Maria Pia . . . . .	Leiria
Teatro Pinheiro Chagas . . . . .	C. da Rainha
Teatro Rosa Damasceno . . . . .	Santarem
Cinema Avenida . . . . .	S. João da Madeira
Parque Cine Teatro . . . . .	Figueira da Foz
Teatro Sousa Bastos . . . . .	Coimbra
Salão Iberia . . . . .	C. da Rainha
Odeon (em montagem) . . . . .	Porto

## **R C A Photophone**

É a marca que triunfa, porque é, incontestavelmente, a melhor marca

L  
I  
L  
I  
A  
N



H  
A  
R  
V  
E  
Y

aparecer-vos-há [na próxima semana no

**SÃO JOÃO CINE**

na produção de Erich Pommer, para a UFA

## **QUICK, O PALHAÇO**

Um lindo fonofilme com boa musica, distribuido pela

**AGENCIA CINEMATOGRAFICA**  
**H. DA COSTA, L<sup>DA</sup>**

Ouve-se uma forte campainha. Da janela da locomotiva, o maquinista olha toda a composição e aguarda o sinal de partida. A última bagagem foi colocada dentro do comboio, cujo chefe dá afinal, o sinal de partida que é respondido por um forte apito.

Com o movimento de um grande pistão, as rodas começam a mover-se e o expresso de Shanghai deixa a estação de Peiping. Depois de levantar a mão em despedida ao seu subalterno, Harvey deixa a plataforma do wagon.

Um homem com trages clericais é o seu companheiro de viagem.

—A que horas chegaremos em Tientsin, senhor?—preguntou ele para começar uma conversa.

A's onze horas da noite. Vai saltar nesta estação?—aumentou Harvey aderindo às intenções do ministro.

—Gostaria de saltar em Tientsin, mas infelizmente tenho que seguir para Shanghai.

—Por quê infelizmente?—indagou Harvey com grande curiosidade.

O homem fez um gesto de desgosto e respondeu:

—Todos os comboios levam uma carga de pecado, mas este é o que leva mais. O meu nome é Carmichael, ao serviço da humanidade. E com quem tenho a honra de falar?

—Donald Harvey, medico ao serviço de sua majestade. Muito prazer em conhece-lo.

Em outro compartimento, ocupado por Madalena, conhecida também pelo apelido de «Lirio», viaja Hui Fei, uma mulher chinesa, possuidora de alguma cultura e cujo meio de vida era identico ao da nos-a heroína.

A trieza dos passageiros de primeira classe para com ambas e a viagem massadora faz com que as duas mulheres se aproximem e fiquem excelentes companheiras durante o trajecto.

# O EXPRESSO DE SHANGAI

aterrorizado com os soldados, é imediatamente preso, suspeito como espião dos rebeldes.

O incidente exaspera Chang. Ele entretanto consegue dominar-se e deste modo livra-se de possíveis más consequências com a soldadesca.

O comandante do pelotão expede ordens para que o expresso fique retido até ao dia seguinte...

Minutos antes do comboio ser detido, Chang avistara o Lirio e facil será advinhar-se a impressão que aquela mulher perturbadora lhe causou. Acostumado a conseguir tudo quanto desejava, o desejo que se lhe apoderou de conquistar a mulher começou a preocupa-lo. E Chang preparava-se para a assediado, quando as rodas da locomotiva pararam de chofer, estacionando o comboio

Nenhum dos passageiros do Shanghai expresso poderia supôr quem era na realidade Chang...

Alta madrugada, quando todos dormiam, o silencio da noite foi perturbado com fortes descargas de fuzilaria. O comboio estava sendo atacado por forças revolucionarias e dada a exiguidade da força legal que o estava garrnecendo, facil foi aos revoltosos apoderarem-se do expresso.

Só então os passageiros puderam descobrir a identidade de Henry Chang, que outro não era senão o chefe do movimento subversivo!

Em todas as fisionomias dos viajantes podia lêr-se o terror de que estavam possuídas.

A atenção de Chang paira sobre o Dr. Harvey, o medico do Corpo de Saúde Britanico, e o chefe revoltoso comunica imediatamente para o quartel-general de Shanghai dando conta da presença do oficial inglês entre os passageiros do expresso, ameaçando conserva-lo prisioneiro caso não lhe fôsse enviado o espião rebelde aprisionado pelas forças legais. O quartel-general de Shanghai aceita a proposta e promete enviar o espião incólume aos rebeldes, que em troca libertariam o oficial inglês.

Emquanto espera, Chang resolve manter os passageiros do expresso como refens, até á chegada do prisioneiro.

Harvey preso num compartimento contiguo ao que serve de prisão do Lirio, ouve Chang propôr á mulher que se faça sua amante. O Lirio recusa-se a satisfazer os desejos do revolucionario e sustenta com o mesmo uma luta desesperada, quando Chang pretende envolve-la nos seus braços e beija-la.

Nesse momento Harvey derruba a divisào que o separa dos dois e depressa faz sentir a Chang a força dos seus musculos. Ha então uma luta terrivel entre os dois, que termina quando se ouve o silvo de uma locomotiva que se aproxima, trazendo a bandeira branca a tremular...

Era o comboio que trazia o espião aprisionado pelas tropas legais, reclamado por Chang.

Os passageiros então são re-embarcados no outro comboio, mas Lirio dá pela falta de Harvey e decide procura-lo entre os vagões do expresso.

Um espectáculo terrivel lhe estava reservado: Chang, armado de um ferro em brasa, prepara-se para cegar o medico inglês! Incapaz de fazer frente ao bandido, ela resolve sacrificar-se á sanha do revolucionario e propõe-lhe ser sua amante, se êle poupar Harvey.

Chang aceita a proposta e liberta a sua victima.

Harvey, entretanto, não compreende o sacrificio daquela mulher e convencido de que na verdade ela nada mais era senão uma réles cortezá, embarca no outro comboio, crente de que se ruitam todos os seus sonhos.

Hui Fei, entretanto, seguira com toda a atenção a marcha daqueles acontecimentos e decidira vingar Madalena, com quem ela simpatizara.

Lobrigando o perverso chinês, apanha-o de surpresa e vibra-lhe uma profunda punhalada mortal!

Em seguida corre para o comboio que nesse momento começava a movimentar-se e como uma louca procura o Dr. Harvey, para lhe contar o sacrificio de Madalena.

Harvey salta do comboio e dirige-se á estação em procura de Madalena, que por sua vez ignora a morte do seu algoz.

Mas a verdade é-lhe revelada e os dois, combatendo os soldados que os perseguem, numa luta titanica, conseguem ainda alcançar o expresso.

A incerteza da verdade da confissão de Hui Fei, ainda pairava no coração do oficial britanico e por isso êle se conserva frio perante a mulher, crente de que ela se havia vendido a Chang, na realidade.

Antes do expresso chegar a Shanghai, porém o amor triunfa e Donald, arrependido, aconchega Madalena aos seus braços, pedindo-lhe que lhe dê a ventura de ser sua esposa.

ANO X  
N.º 178  
Porto, 22 -- Outubro -- 1932

## INVICTA CINE

SEMANÁRIO — DE — CINEMATOGRAFIA

REDACÇÃO: — Rua das Musas, 45

PORTO — PORTUGAL

Director: Roberto Lino — Propriedade: Emp. Invicta Cine

Visado pela  
C. de Censura

Comp. e Imp. — Diario do Porto

EDITOR  
João Soutinho de Oliveira  
ADMINISTRADOR  
Joaquim A. Teixeira  
COLABORADOR ARTISTICO  
Fernando Lacerda

REDACTORES  
J. Alves da Cunha  
Fernando Barros  
Emilio Loubet  
Novais Castro  
C. Vasconcelos

CAMISARIA

GRAVATARIA

NOVIDADES



MALHAS

ENXOVAIS

ATOALHADOS

# CAMISARIA SERRA

O mais completo sortido em todos os artigos da sua especialidade. Preços módicos.

281, Rua Mousinho da Silveira, 287--PORTO

TELEFONE. 1790

## UMA LIBRA EM OURO DE GRAÇA!!!

OFERECE AOS SEUS CLIENTES

# O FORTE DAS MEIAS

Casa especializada em Meias, Malhas e Gravatas

O Forte das Meias é que suplanta em frequencia selecta, pelo exclusivo das suas Meias

O Forte das Meias, em Malhas Chico, impõe-se em modelos de sua criação

O Forte das Meias, é que marca em Gravatas com padrões de alta novidade

No proprio interesse de V. Ex.ª não compre Meias,

Malhas e Gravatas, sem ver os nossos preços

- Gillets de lã c/ manga . . . . 45\$00
- Meia de seda s/ defeito . . . . 4\$00
- Peugas, fio d'Escocia . . . . 2\$50
- Gravatas, fino gosto . . . . 3\$50

O NOSSO RECLAME

SÃO OS PREÇOS SUAVES...

Rua Sá da Bandeira, 277



# **CASTELO LOPES,**

## **LIMITADA**



**A FIRMA DETENTORA DOS MELHORES FILMES  
EUROPEUS E AMERICANOS**



Apresenta esta temporada no

### **AGUIA D'OURO**

As seguintes super-produções

**Alcançando a Lua**

com Bebe Daniels e  
Douglas Fairbanks

**É Preciso Casá-los**

com a encantadora Anny  
Ondra

**O Rei do Beijo**

com o famoso comico Georges  
Milton

**Um Filho da América**

com Annabella e Albert  
Préjean

**O Filho do Milagre**

com Jeanne Boitel e Armand  
Bernard

**Em Nome da Lei**

com Marcel Chantal e Charles  
Vanel

**O Seu Homem**

com Philips Holmes e Helen  
Twelvetrees

**O Agente Secreto e Os Três Amigos**

dois sensacionais filmes de Harry Piel

**EM EXIBIÇÃO: O Rei da Pandega** com Georges Milton